

SÉRGIO, António (camonista) (Damão, 1883-Lisboa, 1969). De seu nome completo António Sérgio de Sousa Júnior, nasceu em Damão, na Índia Portuguesa, em 3 de setembro de 1883, vindo a falecer em Lisboa, em 27 de janeiro de 1969. A sua longa vida foi marcada por uma atuação intelectual e cívica intensa que acompanhou e influenciou algumas das mudanças político-sociais ocorridas no período em que viveu. Ainda na vigência da Monarquia, António Sérgio,



António Sérgio

oriundo de uma família fidalga do liberalismo, fez carreira na Marinha, tendo atingido a patente de segundo-tenente. Com a proclamação da República abandonou a Armada para se dedicar em exclusivo às atividades de ensaísta, pedagogo e pensador. Foi fundador da revista *Pela Grei*; colaborou em *A Águia* e na *Seara Nova*; dirigiu a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*; esteve na criação da «Renascença Portuguesa», do movimento dos «Homens Livres» e do grupo de exilados na capital francesa conhecidos como «Liga de Paris»; escreveu uma vasta obra teórica, em grande parte reunida nos oito volumes dos seus *Ensaio*s publicados entre 1920 e 1954, sobre temas de áreas tão abrangentes quanto a Filosofia, a Ciência, a História, a Economia, a Política, a Pedagogia e a Literatura; lançou a ideia do cooperativismo como meio de promover reformas económicas e sociais; fundou a «Junta Propulsora dos Estudos»; difundiu pedagogias inovadoras como o método Montessori; criou o ensino para deficientes e o cinema educativo; foi ministro da 1.ª República, ocupando a pasta da Instrução Pública; combateu o Estado Novo e apoiou a candidatura presidencial de Humberto Delgado, pugnando pela democracia e por um socialismo antimarxista; conheceu o exílio; envolveu-se em várias polémicas com algumas figuras importantes do seu tempo.

Como polemista, Sérgio discutiu com Teixeira de Pascoaes e Jaime Cortesão sobre matérias de identidade nacional; com António Sardinha e Cabral de Moncada sobre a interpretação da História de Portugal e o pensamento político português; com Abel Salazar sobre ciência; com Leonardo Coimbra sobre educação; com Bento de Jesus Caraça e António José Saraiva sobre as estruturas político-sociais, com rejeição do comunismo; com os presencistas Adolfo Casais Monteiro e João Gaspar Simões sobre o papel da literatura enquanto instrumento de «reforma da mentalidade», tema estruturante de toda a sua atividade intelectual.

Ainda que o seu legado se reporte sobretudo aos domínios da Filosofia, da Pedagogia e da História, a sua extensa bibliografia comporta igualmente textos de crítica literária, domínio em que dedicou alguns estudos marcantes à obra de Camões, os quais se encontram coligidos nos tomos quarto e quinto dos seus *Ensaio*s, sob os

títulos: «Questão prévia de um ignorante aos Prefaciadores da lírica de Camões», «Em torno das ideias políticas de Camões», «Camões panfletário» e «Apêndice ao ensaio sobre a lírica de Camões».

O primeiro e o último dos textos mencionados foram escritos em consequência da discordância de opinião que levou António Sérgio a pôr em causa o conteúdo das teses apresentadas por José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira no prefácio que escreveram para a sua edição da lírica camoniana, publicada em 1932. Sérgio apresenta uma proposta inovadora de exegese da poesia lírica de Camões, repudiando a abordagem biografista defendida pelos prefaciadores, ao mesmo tempo que clamava pela necessidade de «estudar as poesias directamente, procurando atingir uma ordenação qualquer dos elementos psicológicos desse drama íntimo, e a reacção *intelectual* do nosso poeta em face dos sentimentos por que passou» (SÉRGIO 1934, IV-26).

Apoiando-se precisamente em abundantes citações diretas da obra do poeta, António Sérgio demonstra que o Amor, para Camões, não se atém à realidade concreta de uma qualquer Dama e que, conseqüentemente, ele não é um poeta «profundamente sensorial» cuja poesia seja «alheia ao vago das congeminações abstractas». Muito pelo contrário, a sua leitura da obra camoniana dela faz extrair uma «visão do mundo de ordem filosófica» (LOURENÇO 2002, p.19) assente numa «teoria metafísica e religiosa da experiência sentimental do poeta» (SÉRGIO 1934, IV-29). Assim, o que avulta da sua análise da lírica de Camões não são «os pormenores materiais do seu drama íntimo», mas sim uma filosofia coerente, de matriz platónica, que apresenta *o amor do amor como verdadeiro Amor*: os objetos em que o Amor se manifesta (as «imagens das belezas terrenas») são meras reverberações da «outra Imagem» do Amor e a dor da ausência perde a sua conotação negativa na medida em que é ela que permite que se esbata a «forma sensível» para poder brilhar «a expressão inteligível correspondente» (SÉRGIO 1934, IV-35).

Os dois outros ensaios reportam-se preferencialmente a *Os Lusíadas* e neles António Sérgio escrutina aquilo que terá sido a «concepção política de Camões». Desenvolve, a este propósito, duas teses fundamentais. Na primeira, atribui a

Camões o propósito de colocar Portugal à cabeça da Europa culta e esta como estandarte da cristandade, vendo no poema épico a defesa daquilo que «seria a democrática federação europeia pela cultura e pela justiça» (SÉRGIO 1934, IV-98). Na sua interpretação, subjaz à épica camoniana a intenção de promover uma «reforma da mentalidade» que faria sobrepor ao «plano da acção gloriosa» o «plano da Sabedoria». Sérgio procura assim distanciar a leitura de *Os Lusíadas* de um patriotismo e de um nacionalismo redutores, para neles evidenciar a postura própria de um «humanismo crítico» (SÉRGIO 1934, IV-113).

A segunda tese, explanada em «Camões panfletário», leva-o a ler as estâncias que o poeta dedica a D. Sebastião como peças filiáveis na tradição dos textos dedicados à *educação dos Príncipes*. Sérgio considera que, mais importante do que as «dedicatórias altissonantes», tópicas em todos os poemas épicos, se torna imperioso considerar «a audácia e a energia» com que Camões aconselha e repreende o jovem monarca, dando assim voz às queixas que o povo tinha dele e do seu governo.

António Sérgio foi um confesso admirador de Camões, ao mostrar-se fascinado pela capacidade que lhe reconhecia de conjugar o «sentir» com o «pensar», o «realismo» com o «idealismo». Os textos que sobre a sua obra escreveu, pela argúcia, pela inovação e pela audácia interpretativa, são peças incontornáveis da crítica camoniana, mesmo quando se tenha de reconhecer alguma tendenciosidade do ensaísta para fazer coincidir o pensamento do poeta de Quinhentos com o seu próprio.

BIBL.: AA VV, *António Sérgio: Pensamento e Acção*, 2 vol., Lisboa, IN-CM, 2004; LOURENÇO, Eduardo, *Poesia e Metafísica*, Lisboa, Gradiva, 2002; SÉRGIO, António, *Ensaio*, tomo IV, Lisboa, Seara Nova, 1934; id., *Ensaio*, tomo V, Lisboa, Sá da Costa, 1981.

Micaela Ramon